

FERNANDO AUGUSTO STAREPRAVO

**ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIOLÓGICOS DO ESPORTE SEGUNDO
NORBERT ELIAS**

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Marinho Mezzadri.

**CURITIBA
2003**

AGRADECIMENTOS

Agradeço Primeiramente a Deus...

Ao prof. Dr. Fernando Marinho Mezzadri, por sua ajuda, incentivo e amizade durante o desenvolvimento do trabalho e em todos os momentos.

Ao professor Dr. Wagner de Campos, professor da disciplina de Monografia, pelo auxílio e pela estímulo dado desde o início do curso de graduação.

Aos demais professores do Departamento de Educação Física da UFPR, que de alguma forma ajudaram.

Aos amigos e familiares que apoiaram e entenderam os compromissos acadêmicos.

SUMÁRIO

RESUMO.....	iv
1. INTRODUÇÃO.....	1
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	12
2.1 – A Gênese do Esporte e o Processo Civilizador.....	12
2.2 – A Gênese do Esporte e a Parlamentarização da Política Inglesa.....	14
2.3 – Algumas Contribuições de Norbert Elias e Eric Dunning para os Estudos do Lazer.....	16
2.4 – O Esporte Enquanto Atividade de Lazer nas Sociedades Contemporâneas - Mimese e Catarse.....	17
2.5 – O Lazer no Tempo Livre.....	21
3 – METODOLOGIA.....	26
4 – CONCLUSÕES.....	27
REFERÊNCIAS.....	29

RESUMO

Dentre os inúmeros trabalhos sociológicos referentes ao esporte e lazer, destacamos o trabalho de Norbert Elias sobre o surgimento dos esportes, sua interdependência com o contexto social e as necessidades e motivações das atividades de lazer nas sociedades contemporâneas. Acreditamos ser de extrema importância o entendimento da teoria de Elias referentes a este tema, para que se possa avançar apoiado em um referencial teórico bastante consistente. Estabelecendo as relações entre esporte, lazer e o processo civilizador, buscaremos discutir os avanços da teoria de Elias em comparação com os estudos tradicionais, no que diz respeito ao entendimento dos jogos, esportes e das tensões e emoções manifestas no cotidiano e nas atividades de lazer. O texto buscará discutir primeiro a forma que Elias entende a sociedade, alguns conceitos e categorias. Na sequência, discutirá o surgimento do esporte moderno a luz do processo civilizador. E ainda discutir as relações além do esporte enquanto atividade de lazer nas sociedades contemporâneas.

Palavras-chave: esporte, sociedade, Norbert Elias.

1 – INTRODUÇÃO

Durante muito tempo o termo esporte, ou desporto, foi usado para designar uma variedade de passatempos e divertimentos. No decurso do tempo, o termo desporto passou a ser padronizado como um termo para formas específicas de recreação na qual o desempenho físico desempenhava fator principal, com a presença de regras para manter as disputas sob controle. Estas atividades se desenvolveram primeiramente na Inglaterra e a partir daí se espalharam por todo o mundo. A difusão a partir da Inglaterra de modelos de produção industrial, de organização, de trabalho e das formas de ocupação do tempo livre do tipo conhecido como desporto foi notável. Parece razoável imaginar que as formas segundo a qual as pessoas utilizavam seu tempo livre seguiu de mãos dadas com a transformação da maneira segundo a qual trabalhavam.

O desenvolvimento do desporto em geral, bem como o de desportos em particular, pode ser considerado como uma ramificação do desenvolvimento das sociedades onde são jogados e como são jogados, cada vez mais, a nível internacional, no desenvolvimento da sociedade mundial, cada vez mais “globalizada”.

Este trabalho buscará discutir o surgimento e as funções do esporte moderno dentro da sociedade, sob a ótica da teoria do processo civilizador de Norbert Elias¹. Há algum tempo, a teoria dos processos civilizadores elaborada por Elias vem chamando atenção de diversos estudiosos (GEBARA, 2002; LUCENA, 2002; MARCHI JR, 2001; MEZZADRI, 2000), na busca de entender como e quanto à prática do esporte se apresenta como uma questão relevante para o entendimento das relações sociais. Este texto buscará fazer emergir aspectos da teoria que nos permita lançar novos feixes de análise sobre o esporte como prática social de uma sociedade que passa por um processo contínuo de normatização das condutas.

¹ Norbert Elias, sociólogo alemão nascido em 1897, estudou medicina, filosofia e psicologia. Desenvolveu uma abordagem a que chamou “Sociologia Figuracional”, que examina o surgimento das configurações sociais como consequências inesperadas da interação social. Seu trabalho mais conhecido é *O Processo Civilizador* (2 vols., 1939), em que analisa os efeitos da formação do Estado sobre os costumes e a moral dos indivíduos. Dados retirados da obra *A Sociedade dos Indivíduos* (Rio de Janeiro: Zahar, 1994).

Norbert Elias ocupou uma boa parte de sua produção com a reflexão sobre o jogo e o esporte. Trabalhos que foram disseminados entre 1966, data da publicação de um primeiro artigo (*"Dynamics of sport groups with special reference to football"*, *British Journal of Sociology*, 17(4): 383-404, em colaboração com Eric Dunning), e 1986, quando foi publicado *Quest for Excitement: Sport and Leisure in the Civilizing Process*, obra coletiva sob a direção de Norbert Elias (GARRIGOU, 2001, p. 65).

Segundo Elias, os jogos e os esportes devem ser entendidos à luz do processo civilizador dos costumes. Constantemente em nosso texto estaremos nos referindo a Elias juntamente com Dunning, devido aos trabalhos e idéias comuns compartilhadas pelos dois autores.

A teoria do processo civilizador constitui o principal trabalho de Elias e é a partir dele que o autor desenvolve toda sua teoria sociológica. Este processo refere-se às modificações que a sociedade européia sofreu, a partir do século XV, causando uma transformação que forçou os seus membros a uma lenta e crescente regularidade de conduta e de sensibilidade. Elias demonstrou em seus estudos², que os modelos sociais de conduta e de sensibilidade, particularmente em alguns círculos das classes sociais altas, começam a transformar-se drasticamente a partir deste período. O domínio do comportamento tornou-se mais rigoroso, mais diferenciado e também mais moderado, banindo quer excessos de autopunição, quer de autocomplacência. A mudança encontrou a sua expressão em um termo novo, lançado por Erasmo de Roterdão e utilizado em muitos outros países como símbolo de um novo refinamento de maneiras – o termo civilidade, que mais tarde deu origem ao verbo civilizar (ELIAS e DUNNING, 1987, p. 41).

Elias buscou explicar o desenvolvimento da sociedade através do processo civilizador com base em investigações que ele mesmo denominou de "psicogenéticas" e "sociogenéticas". No que diz respeito à psicogênese, pensada como base na estrutura da personalidade humana, e nas mudanças do comportamento como produto de uma regulamentação e um controle dos afetos e impulsos, que são cada vez mais internalizados, no sentido de uma disciplinarização do próprio indivíduo. Além dessa

² ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1992, 2v.

mudança ocorrida no íntimo das pessoas, elas estão ligadas também ao desenvolvimento das estruturas sociais. Assim, a sociogênese corresponde ao desenvolvimento das estruturas e das relações sociais em um processo de longa duração. Isso porque defende o argumento de que as transições sociais consolidam-se com o desenvolvimento de várias gerações, por isso a pertinência do conceito de longa duração associado ao pensamento de muitas pessoas interdependentes no interior de uma sociedade.

Assim, é incoerente pensar o processo social e o processo individual como aspectos isolados ou excludentes, mas sim complementares, que ocorrem no meio social e são absorvidas por cada indivíduo que compõe aquela sociedade. Isso ocorre de uma maneira diferente para cada um, já que, apesar de componentes de uma mesma sociedade, possuem ligações sociais diferenciadas, seja pela sua classe social, pelas instituições que atuam em sua formação, etc.

Para melhor entendermos o processo de civilização, precisamos conhecer a forma com que Elias entende e trabalha o indivíduo, a sociedade e as relações sociais, ou seja, qual a metodologia com que faz a leitura da sociedade.

Em uma de suas principais obras, o livro *Introdução à Sociologia*³, Elias aborda aspectos da política, psicologia e sociologia, repensando temas fundamentais como o indivíduo e o grupo. Fala sobre os padrões mutáveis de interdependência relativo às relações de poder entre os homens em sociedade. Ou seja, nas relações entre indivíduos interdependentes em sociedade na luta pelo poder. No entendimento de sua abordagem, alguns pressupostos são colocados para uma reflexão crítica. O primeiro deles é o modo de alguns estudiosos tratarem a sociedade como objeto de estudo da sociologia, não tendo, contudo, a sensibilidade de perceber que os problemas e a sociedade são formados por nós e pelos outros. Daí decorre o equívoco de visualizar o objeto distanciado do pesquisador, ou seja, o que está sendo estudado não faz parte da realidade de quem o estuda.

³ ELIAS, Norbert. *Introdução à sociologia*. São Paulo: Edições 70, 1980.

Isso vai demonstrar um modelo construído em conformidade com uma visão egocêntrica da sociedade, na qual ela é transformada em uma estrutura hierarquizada pela retificação das relações sociais existentes de forma exterior ao indivíduo.

MARCHI JR (2001) relata que buscando superar esta visão, Elias demonstrou que para compreendermos a problemática sociológica é preciso um trabalho de reorientação da compreensão do termo sociedade. Temos que superar a idéia de que a sociedade é composta por estruturas que nos são exteriores, e avançar para o conceito de teias de interdependências ou configurações, que nos encaminha para uma visão mais realista nas disposições das pessoas em suas variadas maneiras de relação.

Ele nos leva a pensar acerca do modo de análise fundada numa repartição do estudo, nas ciências sociais, das pessoas enquanto sociedades e das pessoas enquanto indivíduos. Para ele, “a divisão entre concepções da pessoa e concepções das pessoas na sociedade é uma aberração intelectual” (ELIAS, 1980, p. 79). Indivíduo e sociedade não denotam dois aspectos independentes, mas sim dois níveis diferentes e inseparáveis do mesmo mundo humano.

Superando estas visões mais tradicionais e um tanto quanto limitadas, devemos pensar o processo civilizador, vislumbrando uma relação íntima entre o processo civilizador individual e o processo civilizador social. Essa relação que é uma relação não-causal pode ser mais bem compreendida com a teoria de Elias, que busca trabalhar indistintamente a idéia de indivíduo e sociedade, que pensa as estruturas (psicológicas, individuais e sociais) como decorrentes de um processo não planejado, resultado de uma ação operante durante muitos séculos, e que é psicogenética e sociogenética.

A busca de um “comportamento uniforme” e diferenciado em algumas sociedades européias, principalmente a inglesa, a partir do século XV, torna-se cada vez mais forte. A preocupação com os costumes à mesa, em reuniões, com a relação entre pais e filhos, etc. passa a ser vista como um modo que, primeiramente numa classe e, posteriormente, no indivíduo como unidade, passa a se distinguir de outros segmentos e de outras pessoas. Elias (1992, p. 135) vai demonstrar que:

O padrão social a que o indivíduo fora inicialmente obrigado a se conformar por restrição externa é finalmente reproduzido, mas severamente ou menos, no seu íntimo através de um autocontrole que opera mesmo contra seus desejos conscientes. Dessa forma o processo sócio-histórico de séculos, no curso do qual o padrão do que é julgado vergonhoso e ofensivo é lentamente elevado, reencena-se em forma abreviada na vida do ser humano individual.

Isto quer dizer que as mudanças ocorridas por força do meio social se internalizam, fazendo com que ocorram modificações nas estruturas de personalidade, proporcionadas pela assimilação dos costumes, que mais tarde trataremos como *habitus*. “Isso porque a relação entre indivíduo e sociedade só pode ser esclarecida se investigarmos ambos como entidades em mutação e evolução, ou seja, como componentes de um processo” (LUCENA, 2002, p. 120) em constante transformação e evolução.

Para melhor compreender as relações sociais e o processo de civilização pelo qual a sociedade passa, existe a necessidade de entendermos a formação de configurações como possibilidade de explicação dos comportamentos e ações que ocorrem. Isso porque “só podemos compreender muitos aspectos do comportamento ou das ações das pessoas individuais se começarmos pelo estudo do tipo de sua interdependência, da estrutura das suas sociedades, em resumo, das configurações que formam uns com os outros” (ELIAS, 1980, p. 79). Portanto, para melhor entenderemos as interdependências que se inauguram entre indivíduos, instituições e estruturas, precisamos compreender e explicar as configurações que aí se estruturam. Ou seja, precisamos compreender e explicar as relações entre os componentes da sociedade, que no seu limite conotam uma configuração altamente complexa e específica.

Avançando na compreensão da sociedade segundo os pressupostos de Elias, devemos superar a visão tradicional de sociedade, onde a pessoa individual está rodeada de estruturas sociais. Para melhor compreendermos a problemática sociológica, precisamos reorientar nosso conceito de sociedade como uma representação de indivíduos ligados, interdependentes. Neste sentido, Elias coloca que as pessoas constituem teias de interdependência de muitos tipos, de forma não planejada e não linear. Ou seja, o contexto social só existe a partir das interdependências dos indivíduos, que constituem ligações de vários indivíduos – eu –

formando uma rede instável de tensões, constituindo o nós. Vários eu, interligados, ou melhor, interdependentes, conformando uma cadeia complexa de relações. É fundamental o entendimento de quais as relações que ligam as pessoas umas às outras, constituindo os alicerces da sua interdependência.

O conceito de configuração coloca o problema das interdependências humanas no centro da teoria sociológica. Com este avanço, superando uma visão onde o objeto de estudo é exterior ao indivíduo, e o entendimento da sociedade de uma forma mais dinâmica – interdependente –, podemos entender que as interdependências recíprocas das pessoas não são sempre as mesmas em todas as sociedades em seus diferentes estágios de desenvolvimento. O que podemos constatar é que as interdependências mudam, à medida que a sociedade se torna cada vez mais diferenciada e estratificada, fruto do processo de civilização.

Torna-se importante entender a configuração como estrutura, que tem por característica ser sempre aberta e por isso se distingue da visão corrente de sociedade. Assim é que “pensar as configurações sociais de indivíduos interdependentes, em constante interação, elimina qualquer possibilidade de se pensar o desenvolvimento social de maneira teológica” (MALERBA, 1996) citado por LUCENA (2002, p. 126). Por isso, entendemos que essa categoria permite abordar melhor as relações sociais, constituindo um avanço, que por sua vez possibilita a formação constante de muitas configurações diferenciada, resultante da interdependência mútua:

*Precisamos uns dos outros, orientamo-nos uns para os outros e estamos ligados uns aos outros. Isso resulta da divisão do trabalho, da especialização ocupacional, da integração em tribos ou estados, de um sentido comum de identidade e de um antagonismo partilhado com os outros ou de um ódio e de uma inimizade recíprocos.*⁴

Isso significa que configurações nascem da interdependência e estas são constituídas por pessoas que se equilibram numa balança de poder, mantendo suas inter-relações sob uma tensão característica. Além disso, a evolução das cadeias de interdependência depende do nível de desenvolvimento da sociedade e vice-versa. Quanto mais desenvolvida a sociedade, mais complexas e interdependentes são suas relações.

⁴ ELIAS, N. Introdução à Sociologia, 1980. Nota 1 da pág. 193.

Embora requeira níveis diferenciados de abordagem, o conceito de configuração pode ser aplicado tanto a pequenos grupos, como o formado por pessoas num jogo de futebol; como para a sociedade constituída por milhões de pessoas interdependentes. LUCENA (2001) coloca que à medida que nos permite avançar sobre uma oposição forçada entre indivíduo e sociedade — dado que ninguém é um EU separado de um NÓS — a idéia de configuração nos dá oportunidade de discutir as interdependências humanas não apenas como um fato valorativo, possível só entre iguais ou aliados; e ainda permite caminhar no processo relativamente autônomo formado pelo contexto das relações sociais e das pessoas individuais. Por fim, oportuniza pensar o conjunto de pessoas como algo tão concreto como a pessoa individual.

Outra categoria importante para entendermos as relações sociais é a individualização. A individualização pode ser tratada como um processo que desencadeia autocontroles individuais autônomos, construídos com base na vida social, e que permitem aos indivíduos viverem mais por si. Essa individualização ocorre principalmente a partir do processo de formação e consolidação do Estado moderno, como fruto de uma monopolização tributária e do uso da violência, o que implica um crescente grau de interdependência, diversificação de funções e regulamentações das ações. A configuração, altamente complexa e interdependente, que constitui campo fértil para o processo de individualização dos indivíduos, será discutida com mais profundidade no decorrer do texto, sendo de extrema importância o conhecimento dos mecanismos de consolidação do Estado moderno.

Aqui podemos resgatar a idéia de individualização como um componente necessário para pensar a ação do homem, já que a individualização não deve ser entendida como uma “opção pessoal, mas como um aspecto da transformação social que vai para muito além do controle do próprio indivíduo” (LUCENA, 2002, p. 120), ou seja, a individualização só se faz presente devido às condições criadas socialmente.

A individualização é um processo que permite perceber que as relações de uns indivíduos com os outros tomam uma característica diferenciada, baseada, cada vez mais, num controle geral dos afetos, na negação e transformação dos instintos e

também numa diversificação de funções. Isso pode acarretar um alargamento das cadeias de interdependência e da busca pelo poder, do qual passam a participar diferentes grupos sociais.

Entendamos que a individualização não é um estado, mas uma relação constituída a partir de uma configuração onde se verifica uma crescente interação e dependência. O processo se manifesta por possibilidades de encontrar formas de expressões aceitáveis, com base em um crescente controle social e no autocontrole individual. Segundo Elias (1994, p. 228):

Só a conscientização da autonomia dos planos e ações individuais que se entrelaçam, da maneira como o indivíduo é ligado pela vida social e outros, permite uma compreensão mais profunda do próprio fato da individualidade. A coexistência de pessoas, o emaranhado de suas intenções e planos, os laços com que se prendem mutuamente, tudo isso, muito longe de destruir a individualidade, proporciona um meio no qual ela pode desenvolver-se.

De maneira semelhante ao ser humano, a sociedade, à medida que cresce, individualiza-se e estabelece relações mais complexas. Devemos entender a individualização como processo e pensa-la como algo móvel, mutável e diferenciador. Segundo Lucena (2002, p. 123):

Diferentemente de individualidade, que surge com a burguesia e se traduz por um modo de ser característico, individualização é uma questão de relação e, portanto, um modo de ser construído a partir da crescente inter-relação e de uma mútua dependência. Individualidade é o dever-ser que denota um comportamento já previsto; já a individualização é o sendo.

Com o passar do tempo, pode notar-se que, quanto mais o homem era regido pelas forças da natureza, no caso do homem em sociedades pré-históricas e até mesmo pré-industriais, menos diferenciadas eram suas atitudes e seus comportamentos com os demais. Suas atitudes eram regidas de acordo com a natureza e as condições naturais. O grupo era o princípio e o limite. Porém Elias (1994, p.117) observa que:

Quanto mais variada e diferenciadamente essas forças instintivas são contidas, desviadas e transformadas – primeiro pelo amor e medo dos outros, depois também pelo autocontrole -, mais numerosas e pronunciadas se tornam as diferenças e seu comportamento, seus sentimentos, seus pensamentos, suas metas e, inclusive, suas fisionomias maleáveis: mais “individualizados” tornam-se os indivíduos.

O deslocamento do eixo da luta homem x natureza para a questão do indivíduo x sociedade, em que a busca da diferenciação individual ganhou mais espaço, como um processo historicamente construído, que não é uma escolha do indivíduo, mas um comportamento socialmente exigido (LUCENA, 2002, p.123-124). Podemos, além da satisfação das necessidades mais urgentes, elaborar e reelaborar ações com base em comportamentos diferenciados e com sentidos variados, superando as limitações impostas pela natureza ou pelo grupo.

Devemos ainda falar de um ponto da individualização que funciona como a rede maleável na qual se move e se estrutura o processo civilizador. A individualização não é só um processo contínuo, interminável. Ela é definida justamente pela relação com as questões da interdependência. Cada indivíduo é cercado, desde a infância, de uma multidão de indivíduos inter-relacionados, unidos pela dependência criada na diversificação, como componente de um processo civilizador constante e não planejado. Por isso, além de tratar a individualização como algo próprio de cada indivíduo, devemos tratá-la como um processo interdependente do meio social em que cada um convive.

Os grupos sociais (tribos, família ou até mesmo o Estado), quanto mais interagem com outros grupos, mais se diferenciam, pela afirmação de suas características básicas, e mais se assemelham, pela aquisição de costumes do grupo com o qual passam a interagir. Assim, mais diferenciadas são as experiências dos indivíduos no curso do desenvolvimento social e maior é a probabilidade de individualização. No Estado moderno, por exemplo, quanto maior a margem de decisão do indivíduo, maior é a possibilidade de individualização pessoal. Isso quer dizer que um pressuposto da individualização é uma larga abertura do poder de decisão e liberdade de escolha oferecida pelo Estado a seus membros. Estamos falando de uma abertura oferecida ao indivíduo devido ao alargamento da cadeia de interdependência social e a divisão de funções presentes nos Estados modernos democráticos.

Porém, é importante deixar claro que o conceito de individualização não é excludente ou isolado do processo. A individualização também está associada ao conceito de Elias chamado de *habitus social*. Portanto, por mais diferenciada que uma

pessoa seja das demais, há uma composição social que ela compartilha com os outros. É essa categoria denominada *habitus* que “constitui o solo de onde brotam as características pessoais, mediante as quais um indivíduo difere dos outros membros de sua sociedade” (ELIAS, 1994, p. 150). Ou seja, apesar de cada indivíduo ter suas próprias características, fruto de um processo de individualização, certos costumes, hábitos e características, todos eles constituindo o *habitus*, serão determinados por aspectos de uma unidade social. Os conceitos de *habitus* e individualização não se contradizem ou contrapõem-se, mas se complementam.

Acerca disso, surge a definição de Elias chamada de “caráter nacional”⁵, que está intimamente ligado a formação do Estado. É uma característica dos membros de Estados modernos, onde as diferenças regionais estão se dissipando, produzindo características mais ou menos uniformes, a nível nacional. Esse “caráter nacional”, que parece ser uma noção estanque, pode, a partir da idéia de *habitus* ser superada, já que este é concebido como movimento e está, em última instância, intimamente vinculado ao processo particular de formação do Estado nacional. “Essa composição social que traz as características comuns dos indivíduos, e que constitui a base da qual emergem as características pessoais” (SOUZA, 1997) citado por LUCENA (2002, p. 126), é que nos permite entender o surgimento, disseminação e aceitação de práticas como a do esporte.

Portanto, se o *habitus* é uma construção social nas sociedades diferenciadas da atualidade, onde são intensas as inter-relações, ele tende a ser multifacetado, como explica (MALERBA, 1996) citado por LUCENA (2002, p. 126):

*... uma pessoa pode, além de um membro da família, ser um aluno em uma escola, associado a um clube ou entidade filantrópica - ou a uma associação criminosa clandestina - ao mesmo tempo em que pertence a este ou aquele país... - e cada um desses traços incidirá sobre seu *habitus* social.*

O *habitus* é atitude e modo de expressar-se, revelador da constituição da estrutura de personalidade social. Estrutura que não se pode separar quando do estudo de sociedades humanas, já que “as modificações da estrutura de personalidade, bem

⁵ Sobre este assunto, buscar maiores informações no Livro “Os Alemães”.

como as mudanças que ocorrem na posição do indivíduo em sua sociedade criam problemas que figuram entre os mais graves obstáculos para entendermos as transformações por que passam” (ELIAS, 1994, p. 147). É inevitável e extremamente importante que estudemos processo social e individual como complementares e inseparáveis.

Ao pensarmos as diversas práticas sociais, dentre elas o esporte, vemos que os conceitos de individualização e *habitus* podem nos dar um norte para o entendimento do papel da prática de esportes numa sociedade urbana crescente e cada vez mais diferenciada. Quais as vias impostas/resultantes do processo civilizador que deram origem ao esporte moderno. Entender que “a avançada diferenciação social, caminhando *pari passu* com uma diferenciação igualmente avançada entre as pessoas, ou individualização, traz consigo uma grande diversidade e variabilidade das relações pessoais” (ELIAS, 1994, p. 167). Daí a importância desses conceitos e do entendimento dos processos individuais e sociais para buscar um melhor entendimento da prática dos esportes na sociedade dos Estados nacionais contemporâneos. A individualização é uma relação construída a partir de uma crescente interação e dependência e se estabelece na complexidade das interdependências.

Com base nos pressupostos apresentados, o texto será encaminhado no sentido de primeiro tratar a respeito das relações sociais e o esporte como campos de configurações e maior interdependência; segundo, tratar da esportivização dos passatempos como caracterização de um processo específico, fruto de uma diferenciação de funções que permitem configurações e interdependências sociais variadas. E finalmente, discutir a papel do esporte em nossa sociedade atual. Todo este caminho será percorrido, balizado, pela teoria do processo civilizador e pelos pressupostos sociológicos de Elias.

2 – REVISÃO DE LITERATURA

2.1 – A Gênese do Esporte e o Processo Civilizador

Durante muito tempo o termo esporte, ou desporto, foi usado para designar uma variedade de passatempos e divertimentos. No decurso do tempo, o termo desporto passou a ser padronizado como um termo para formas específicas de recreação na qual o desempenho físico desempenhava fator principal, com a presença de regras para manter as disputas sob controle. Estas atividades se desenvolveram primeiramente na Inglaterra e a partir daí se espalharam por todo o mundo. A difusão a partir da Inglaterra de modelos de produção industrial, de organização, de trabalho e das formas de ocupação do tempo livre do tipo conhecido como desporto foi notável. Parece razoável imaginar que as formas segundo a qual as pessoas utilizavam seu tempo livre seguiu de mãos dadas com a transformação da maneira segundo a qual trabalhavam.

É possível que, tanto a industrialização como a desportivização¹, tenham sido sintomáticas de uma transformação mais profunda das sociedades européias, que exigia de seus membros uma maior regularidade e diferenciação de comportamento. É neste sentido que Elias conduz seus estudos, considerando o esporte como consequência/produto do processo de civilização que a sociedade européia começou a sofrer a partir do século XV.

A sociedade européia sofreu, a partir do século XV, uma transformação que forçou os seus membros a uma lenta e crescente regularidade de conduta e de sensibilidade. Elias demonstra em seus estudos², que os modelos sociais de conduta e de sensibilidade, particularmente em alguns círculos das classes sociais altas, começam a transformar-se drasticamente a partir deste período. O domínio da conduta e da sensibilidade tornou-se mais rigoroso, mais diferenciado e também mais moderado, banindo quer excessos de autopunição, quer de autocomplacência. A

¹ Transformação dos passatempos em desportos, ocorrida na sociedade inglesa a partir do século XVIII, com a introdução de regras.

² Norbert Elias, *The Civilizing Process*, Oxford, 1978.

mudança encontrou a sua expressão em um termo novo, lançado por Erasmo de Roterdão e utilizado em muitos outros países como símbolo de um novo refinamento de maneiras, o termo civilidade, que mais tarde deu origem ao verbo civilizar.

Da mesma forma, as investigações sobre o desenvolvimento do desporto mostraram que existia uma transformação global do código de conduta e de sensibilidade na mesma direção. Se compararmos os jogos populares realizados com bola nos finais da Idade Média com o futebol e o rugby, os dois ramos do futebol inglês que emergiram no século XIX, pode notar-se que existe um aumento da sensibilidade em relação à violência. A mesma mudança de orientação pode ser verificada no boxe. As formas mais antigas de pugilismo não eram totalmente desprovidas de regras. Porém, os punhos eram desprotegidos e muitas vezes as pernas eram utilizadas nas lutas. A luta assumiu as características de desporto pela primeira vez na Inglaterra com a introdução de regras que limitavam os danos físicos aos adversários, eliminando o uso das pernas nos combates. Além disso, o aumento da sensibilidade foi verificado com a introdução das luvas e, com o tempo, pelo acolchoamento destas, para amenizar os danos físicos aos adversários.

No decurso do século XIX, e em alguns casos, na segunda metade do século XVIII, tendo a Inglaterra como exemplo, algumas atividades de lazer adquiriram características de desporto também em outros países. São características dos desportos modernos: regras escritas; sanções intrajogo bem definidas; presença de árbitros para conduzir as disputas; órgão centralizador de elaboração e fiscalização das regras.

O quadro de regras, incluindo aquelas que eram orientadas pelos ideais de justiça, de igualdade de oportunidades de êxito para todos os participantes, tornou-se mais rígido. As regras passaram a ser mais rigorosas, mais explícitas e mais diferenciadas. Em outras palavras, sob a forma de desportos, os confrontos atingiram um nível de ordem e autodisciplina nunca alcançados até então. Além disso, as competições integraram um conjunto de regras que asseguravam o equilíbrio entre a possível obtenção de uma elevada tensão na luta e uma razoável proteção contra os ferimentos físicos.

O aumento das restrições quanto à aplicação da força física e, em especial ao ato de matar, podem ser observados como sintomas de um impulso de civilização em muitas outras esferas da atividade humana. Todos estão relacionados com movimento no sentido da maior pacificação de um país, em ligação com o crescimento ou com a crescente eficácia da monopolização da força física por representantes das instituições centrais do Estado. Além disso, estão relacionados com um dos aspectos mais cruciais da pacificação interna e da civilização de um país – a exclusão do uso da violência das lutas periódicas pelo controle destas instituições centrais, com a correspondente formação da consciência.

2.2 – A Gênese do Esporte e a Parlamentarização da Política Inglesa

A transição dos passatempos ou atividades de lazer a esportes, ocorrida na sociedade inglesa em meados do século XIX, encontra-se relacionado com o desenvolvimento da sociedade sob uma perspectiva global, se observarmos como se deu o desenvolvimento da estrutura de poder da sociedade inglesa. Estudos do desporto que não sejam simultaneamente estudos da sociedade são análises desprovidas de contexto. Neste período, os ciclos de violência abrandam, e os conflitos de interesses passaram a ser resolvidos de um modo que permitia aos principais contendores de poder governamental solucionarem suas diferenças, por intermédio de processos inteiramente não violentos, e segundo regras acertadas por ambas as partes.

Os ciclos de violência são configurações formadas por dois ou mais grupos, processos de sujeições recíprocas que situam estes grupos numa posição de medo e de desconfiança mútua, passando cada um a assumir como coisa natural o fato de os seus membros poderem estar armados ou serem mortos pelo outro grupo caso este tenha a oportunidade e os meios para efetuar.

Na Inglaterra, o que resultou do período mais violento de conflitos sociais, foi um equilíbrio de tensões moderadamente estável, entre vários grupos dirigentes em

competição, dos quais nenhum desejava, ou parecia ser suficientemente poderoso para intimidar as forças conjugadas dos outros por meio de um teste direto de força física. Em vez disso, desenvolveu-se, de modo gradual, um acordo tático entre os rivais na sociedade em geral. Estes acordaram um conjunto de regras segundo o qual podiam fazer rotações na constituição de governos e na administração ou utilização dos instrumentos centrais de todas as funções do governo – o monopólio da força física e do lançamento de impostos.

Certamente, a elaboração destas regras não ocorreu de um dia para o outro. Verificaram-se lutas esporádicas e choques entre os que seguiam os diferentes grupos até, pelo menos, meados do século XVIII. Mas, de um modo progressivo, afastou-se o medo de que um dos grupos rivais e seus adeptos agredissem fisicamente ou aniquilassem os outros.

O acordo de não lutar por meio da violência física por cargos governamentais e pelos seus poderosos recursos, mas apenas de acordo com as regras estabelecidas por mútuo consentimento, por meio de palavras, votos e dinheiro, começou a receber cada vez mais apoio. Esta concordância integrava também um equilíbrio de tensões moderadamente estável entre vários grupos. O estabelecimento gradual de um regime parlamentar representou um avanço pacificador muito pronunciado. Começa a ficar claro que não foi por acaso que os passatempos relativamente mais violentos e menos regulamentados das classes proprietárias de terra foram transformados em passatempos menos violentos e mais regulamentados, que deram à expressão desporto o seu sentido moderno, no mesmo período em que essas classes sociais renunciaram a violência e buscaram a forma de autodomínio mais elevada exigida pelo controle parlamentar e pela mudança de governo pacífica.

De fato, os próprios confrontos parlamentares não eram desprovidos de características dos desportos e de oportunidades para a tensão-excitação agradável. Em outras palavras, existiram afinidades bastante claras entre o desenvolvimento da estrutura política da Inglaterra no século XVIII e a desportivização dos passatempos das classes inglesas elevadas.

Progressivamente, a partir deste momento, não era mais aceitável socialmente que o indivíduo cometesse atos violentos, cabendo ao Estado o controle e o uso da violência. O controle da violência interna e a representação externa ficavam nas mãos dos militares, os verdadeiros representantes do Estado para coibir a violência física. A presença do Estado no cotidiano das pessoas foi sendo constituída de forma lenta e gradual, passando também pelas relações sociais existentes entre os homens.

O desenvolvimento social está intimamente relacionado com a presença do Estado, já que os mesmos constituem-se em redes de interdependência, onde a formação do Estado depende do grau de complexidade nas suas estruturas, do estágio das relações humanas da sociedade e vice-versa. Com o processo de civilização avançando nas sociedades ocidentais, as relações humanas tornaram-se gradativamente mais complexas, ampliando a disputa de poder através do parlamento, do jogo e não mais por intermédio da violência física.

2.3 – Algumas Contribuições de Norbert Elias e Eric Dunning para os Estudos do Lazer

Dentre os inúmeros trabalhos sociológicos referentes ao esporte e lazer, destacamos o trabalho de Norbert Elias e Eric Dunning sobre as necessidades e motivações das atividades de lazer nas sociedades contemporâneas. Vale ressaltar que os estudos sociológicos dos esportes, bem como do lazer são estudos relativamente novos, que necessitam de maiores aprofundamentos. Neste sentido, acreditamos ser de extrema importância o entendimento da teoria de Elias e Dunning referentes a este tema, para que se possa avançar apoiado em um referencial teórico bastante consistente.

Os primeiros estudos de Elias e Dunning referentes ao lazer foram publicados nas décadas de 1960 e 1970. Estes estudos representaram um avanço sobre os demais trabalhos referentes ao tema, pois abandonaram as limitações impostas pela

tradicional dicotomia entre trabalho e lazer, e propuseram-se a estudar as tensões como algo que não era unicamente mau.

Não cabe aqui um aprofundamento sobre a teoria de Elias sobre o processo civilizador dos costumes. Porém, é importante observar que para a compreensão do aparecimento das modernas modalidades de lazer, devemos relaciona-lo ao "processo civilizador dos costumes" (ELIAS, 1994, v.1). O processo civilizador refere-se ao desenvolvimento de normas de conduta, conformando hábitos culturais civilizados e padrões de relacionamento que são internalizados pelos indivíduos. Este processo teve início nas altas classes européias a partir do século XV, difundindo-se às demais classes sociais posteriormente. Está relacionado ao controle das emoções pelos indivíduos, com o aumento do autodomínio pessoal, e com o desenvolvimento de formas de controle social mais eficazes, principalmente a partir da monopolização da violência por parte do Estado, favorecendo o surgimento de opções civilizadas de entretenimento.

Assim, o processo civilizador promove e resulta de novas configurações sociais e estimula à aparição e difusão de novas práticas culturais, conferindo ao lazer das pessoas novas características, mais "civilizadas" (PRONI, 2001).

Estabelecendo as relações entre lazer e o processo civilizador, buscaremos discutir os avanços da teoria de Elias e Dunning em comparação com os estudos tradicionais, no que diz respeito às limitações impostas pela dicotomia trabalho e lazer e pelo entendimento das tensões e emoções manifestas no cotidiano e nas atividades de lazer.

2.4 – O Esporte Enquanto Atividade de Lazer nas Sociedades Contemporâneas - Mimese e Catarse

Nas sociedades altamente industrializadas, muitas profissões, relações e atividades só proporcionam satisfação se as pessoas envolvidas mantiverem uma razoável harmonia e controle sobre seus impulsos e emoções. Esta é uma

característica das sociedades que atingiram um alto grau de civilidade. A convivência social e o sucesso dependem de um autocontrole individual. Existe um campo de ação bastante limitado para a demonstração de sentimentos fortes.

A aprendizagem do autodomínio é uma condição para o convívio em sociedade, desde os primórdios de sua organização. O que mudou ao longo do desenvolvimento da humanidade e continua em constante transformação são os padrões sociais de autodomínio. Sua estrutura e padrão são nitidamente distintos em diferentes estágios de desenvolvimento da humanidade e, desse modo, no decurso do processo de civilização.

O desenvolvimento do autocontrole dos impulsos e emoções constitui uma “segunda natureza” (ELIAS & DUNNING, 1987, p. 166) das pessoas e surge como parte das suas personalidades, como se estivessem nascido com isso. Desde a infância o indivíduo é levado a desenvolver certas condutas, para que possa manter um bom convívio em sociedade. As pessoas são levadas a reprimir seus impulsos, tornando-se tão habituadas a não agirem de acordo com seus sentimentos que esta restrição, com frequência, parece ser normal, natural do ser humano.

Porém, apesar dos mecanismos sociais nos levarem a este controle das emoções, onde não é socialmente permitida a expressão de sentimentos e impulsos em público, esta é uma condição instintiva humana. Neste contexto, busca-se conciliar as exigências da vida em sociedade, que exige “uma restrição regular e bem moderada de cada indivíduo, a ação-contenção designada por consciência ou razão” (*ibdt*, p. 68), com as necessidades de satisfação dos seus impulsos afetivos e emocionais.

Frente a este quadro, a maioria das sociedades humanas desenvolve contramedidas às tensões que elas mesmas criam. Dentre essas atividades estão as atividades de lazer, da qual o esporte é uma variante. Enquanto as rotinas da vida em sociedade exigem um autodomínio das pessoas pelos seus afetos e impulsos, as atividades de lazer, de alguma forma autorizam-nas. Muitas ocupações de lazer fornecem um quadro imaginário onde é autorizado o excitamento, ao representar, de alguma forma, situações da vida real, embora sem seus perigos e riscos. Filmes, danças, óperas, histórias policiais e jogos de futebol pertencem a esta categoria.

Estas formas de lazer contribuem para a teoria do processo civilizador através da apresentação de algumas vias pelas quais a sociedade enfrenta com êxito a rotina que o processo civilizador desencadeia. As rotinas são necessárias para garantir um nível de estabilidade nas relações sociais. Porém, esta configuração pretensamente ordenada e segura, onde as pessoas não se expõem a perigos e aprendem a conter seus sentimentos, torna-se extremamente impessoal e estressante (PRONI, 2001). Por isso, os indivíduos buscam atividades e meios onde possam quebrar esta rotina.

As atividades de lazer representam algum tipo de risco, porque desafiam a ordem rotineira. Produz sentimentos de incerteza, medo, revolta, assim como estimulam a produção de adrenalina e endorfinas. Em geral, quanto maior a exposição ao risco e o envolvimento emocional, maior é a satisfação experimentada nas atividades de lazer.

Esta excitação que as pessoas procuram no lazer é, em certos aspectos, singular. Trata-se, em geral, de uma excitação agradável. Embora possua algumas características básicas em comum com a excitação que as pessoas experimentam em situações críticas séria, revela qualidades específicas.

A excitação é dinamizada pelas atividades de lazer através da criação de tensões. Perigo imaginário, medo ou prazer mimético, tristeza e alegria são produzidos e possivelmente resolvidos no quadro dos divertimentos (ELIAS & DUNNING, 1987, p. 71). Os sentimentos dinamizados nas atividades de lazer têm afinidades com os que são desencadeados no cotidiano das pessoas. Isto é o que o termo “mimético” indica.

Porém, os prazeres e tensões produzidos nas atividades de lazer podem ser desfrutados sem os riscos e ameaças das situações reais. Os expectadores de uma partida de futebol podem desfrutar da excitação mimética do confronto entre duas equipes, sabendo que provavelmente nenhum mal acontecerá aos jogadores ou a eles mesmos. Assim como na vida real, podem agitar-se entre as esperanças de sucesso e o medo das derrotas. Isso ativa sentimentos muito fortes, num quadro imaginário, onde a pessoa pode compartilhar de emoções com outras pessoas. Este constitui um raro momento dentro de uma sociedade, onde de um modo geral, as pessoas estão cada vez mais isoladas e tem poucas oportunidades para manifestações coletivas de sentimentos e emoções.

Neste contexto, acrescentamos o conceito de catarse, provavelmente usado pela primeira vez por Aristóteles (*ibdt*, p. 79, nota 11 rodapé). Os confrontos dos esportes permitem alcançar a vitória sobre os adversários, através de uma luta física, porém sem causar-lhes danos físicos. O desfecho do confronto pode ter um efeito alegre e purificador. Pode-se usufruir a vitória, sabendo que existiam regras que tornou a disputa justa, sem causar sérios danos a integridade física do adversário.

Na esfera mimética existe uma excitação agradável. É um tipo de tensão da qual não se quer fugir, nem eliminar do corpo (sentido médico da palavra catarse), mas sim mantê-la em contínuo movimento que busca proporcionar a sensação do "efeito curativo" da catarse. É fundamental que ocorra a satisfação nas atividades de lazer através da tensão-excitação que promove toda essa sensação de renovação, que não é cotidiana, mas é necessária para a saúde mental do indivíduo (ELIAS & DUNNING, 1987, p. 122). O caráter essencial do seu efeito catártico é a restauração do tônus mental normal através de uma perturbação temporária e passageira de excitação agradável.

Muitas das atividades de lazer, dentre elas o esporte, enquanto pratica ou espetáculo, são meios de produção de um descontrolo de emoções agradável e controlado. Com frequência, oferecem tensões miméticas agradáveis que conduzem a uma excitação crescente. Neste sentido, as tensões miméticas e a excitação produzidas dentro do quadro do jogo, isenta de perigo ou de culpa, podem servir como uma contramedida às tensões provenientes do stress produzido no cotidiano dos indivíduos.

O caráter mimético de uma prova esportiva é relacionado ao fato de aspectos da vivência associados a uma luta física real entrarem no campo da vivência de uma luta de imitação, própria dos esportes. Os esportes permitem às pessoas uma total excitação de luta sem os seus perigos e riscos. Assim, ao falarmos dos aspectos miméticos do esporte, estamos nos referindo a uma imitação seletiva de aspectos da vida real. Ou seja, os esportes oferecem tensões semelhantes às vividas no cotidiano, desencadeando fortes emoções, mas com um desfecho agradável e renovador.

Um dos aspectos singular do esporte se comparado a outras atividades de lazer com caráter mimético, é o fato de que sempre existe alguma forma de luta entre os seres humanos ou contra a natureza. Estes confrontos simulados têm uma propensão muito forte a desencadear emoções e provocar excitação. O esporte vive sobre uma linha tênue onde é necessário manter a evocação de uma tensão agradável, ao mesmo tempo em que deve manter um conjunto de disposições para conservar a excitação dentro de um controle.

De acordo com Elias e Dunning, em suma, o esporte caracteriza-se como uma configuração dinâmica entre seres humanos, através de um confronto simulado, onde é socialmente permitida a manifestação de sentimentos e emoções, estimulados pela dinâmica característica do jogo e pelo seu caráter mimético e catártico.

2.5 – O Lazer no Tempo Livre

Nas sociedades industriais modernas, devido ao avanço do processo civilizador, verifica-se mudanças na estrutura da personalidade das pessoas, bem como no estilo de vida das mesmas, e uma crescente diversificação das configurações sociais existentes. Tais mudanças, ocorridas nos últimos quatro séculos, favoreceram o surgimento de uma gama de opções civilizadas de entretenimento, que se difundiram à medida que os indivíduos desenvolveram um domínio sobre seus impulsos e afetos.

Nestas sociedades, as atividades de lazer constituem um enclave para o desencadear, aprovado no quadro social, do comportamento moderadamente excitado em público. É sintomático de um processo de civilização bastante longo que permaneçam, por sua vez, numa interdependência com o avanço da eficácia da organização especializada de controle das sociedades avançadas, através da complexa organização do Estado. Estas sociedades provavelmente só chegaram a tal grau de civilidade devido a presença de espaços onde os seus indivíduos possam externar seus sentimentos em público.

As atividades de lazer, enquanto área social de libertação das restrições do não lazer, pode encontrar-se nas sociedades em todos os estágios de desenvolvimento. Festival a Dionísio, dos antigos gregos e o carnaval nas comunidades medievais são exemplos de atividades com um caráter mimético em sociedades pré-industriais (ELIAS & DUNNING, 1987, p. 104).

Mas enquanto parecem existir pressões e restrições, assim como áreas especiais de lazer para alívio e libertação das mesmas, em todas as sociedades conhecidas, o seu caráter e o equilíbrio global existente entre elas modificam-se ao longo de um processo de civilização. No decurso de tal processo, generalizam-se as restrições sobre o comportamento dos indivíduos. Constitui-se de forma mais equilibrada, oscilam menos entre os extremos e torna-se interiorizadas, constituído uma armadura pessoal, mais ou menos automática, de autocontrole.

Com o passar dos anos e séculos, o processo civilizador desenvolveu nos indivíduos formas de conduta e autocontrole que se modificam e transformam, fruto de condições sociais que levam os indivíduos a se comportarem de acordo com a ordem social vigente.

Contudo, a análise profunda do processo de civilização na longa duração indica que os desenvolvimentos sociais registrados nessa direção produzem movimentos opostos no sentido de um equilíbrio na libertação das restrições sociais e individuais. Podem observar-se movimentos opostos de equilíbrio deste tipo em certas áreas na vida contemporânea, como novas formas de dançar e cantar, e uma participação mais ativa dos espectadores esportivos em países mais reservados, como a Inglaterra (ELIAS & DUNNING, 1987, p. 105). Isso representa uma manifestação da interrupção moderada do manto das restrições, um alargamento do alcance e da profundidade da manifestação dos impulsos e emoções.

Esta exteriorização dos impulsos e emoções demonstra a função geral das atividades de lazer, o seu caráter mimético. Ai inclui-se atividades como o xadrez, ouvir música, assistir ao teatro ou praticar um esporte coletivo.

A polarização que começamos a discutir entre restrição e prazer, autocontrole e excitação manifesta difere da orientação dominante. A noção de que as atividades de

lazer podem ser explicadas como complementares do trabalho parece evidente. O divulgado esteriótipo tradicional, expressos em frases como “lazer e trabalho”, foi tomado como verdade absoluta e ponto de partida óbvio para investigações.

Segundo Elias e Dunning, tradicionalmente o trabalho classifica-se a um nível superior, como um dever moral e um fim em si mesmo. Já o lazer estaria classificado em um nível inferior, como uma forma de preguiça e indulgência. O prazer, habitualmente, é entendido de forma negativa nas sociedades avançadas, sendo relacionado a algo não essencial e até mesmo não moral. De uma maneira geral, o trabalho é entendido como antítese do prazer. Segundo o raciocínio de Kant (citado por ELIAS & DUNNING, 1987, p. 106), segundo o qual o trabalho, a partir do momento que se torna uma fonte de deleite, deixa de ser moral, conversa uma vaga relação com a contemporânea polarização lazer e trabalho. A tendência de considerar as atividades de lazer como meros acessórios do trabalho está ligado a um esquema de valores, muito mais do que a uma investigação aprofundada sobre o assunto.

Na polarização tradicional trabalho e lazer, trabalho se refere a uma forma específica de ocupação – o tipo que as pessoas executam como modo de ganhar a vida. Nas sociedades avançadas, este é um tempo regulado e as atividades, na maioria das vezes, altamente específicas. Em paralelo, no seu tempo livre, as pessoas têm que realizar outras formas de trabalhos, não remunerados, que são necessários para sua sobrevivência, sobrando pouco tempo para atividades realmente de lazer, que normalmente são escolhidas por serem agradáveis. Desta forma o tempo livre das pessoas não está totalmente voltado ao lazer. Elias e Dunning propõem algumas categorias de atividades que correspondem às ocupações do tempo livre. Resumidamente destacamos três tópicos:

- 1) Atividades relacionadas às rotinas do tempo livre, subdividida em: provisão rotineira das necessidades biológicas e cuidados com o próprio corpo, como comer, beber, fazer amos, etc; rotinas familiares e tarefas com a casa, como limpar e conservar a casa, comprar alimentos e roupas, entre outros;
- 2) Atividades intermediárias de tempo livre, que servem, principalmente, necessidades de formação, autodesenvolvimento e auto-satisfação subdividida em: trabalho particular voluntário para outros ou para si próprio, atividades religiosas, atividades socialmente menos controladas e com frequência de caráter acidental, como participações em associações, leituras, etc.

3) Atividades de lazer, subdivididas em: atividades pura ou simplesmente sociáveis, encontros sociais formais ou informais, lazer comunitário, festas; atividades de jogo ou miméticas de elevado grau, participação como espectador de atividades miméticas de alto grau de organização, participar de atividades miméticas de menor grau de organização (caminhada ou dança); miscelânea de atividades esporádicas, prazerosas e multifuncionais.³

A primeira categoria pode até conter algum tipo de atividade que podemos classificar como lazer, mas em geral apresentam o elemento rotina⁴ e em alguns casos são pouco prazerosas. São exigências biológicas e sociais que exigem disciplina e autocontrole. Isso indica que existem certos limites sociais, que tendem a reprimir as manifestações espontâneas.

As atividades da categoria número dois, podem ser menos rotineiras e mais prazerosas se comparadas com os do grupo um. Essas atividades ocorrem objetivando a descontração, mas também podem se destinar a tratar de assuntos a respeito de interesses que indicam um certo grau de rotina.

Já a categoria número três contém atividades que proporcionam à destruição da rotina e proporcionam o “descontrole controlado” (ELIAS & DUNNING, 1987, p. 84) das restrições sobre os impulsos e as manifestações emocionais. Aqui estamos nos referindo às atividades que tratamos no texto com características miméticas e catárticas.

Essa classificação evidencia inicialmente que somente alguma parte do tempo livre pode ser considerada lazer, mas, sobretudo demonstra o equívoco de pesquisas baseadas na polarização trabalho e lazer. As sociedades complexas e diferenciadas apresentam, atividades profissionais ou não profissionais, públicas ou privadas, com a exigência de suas restrições. Isto é, tanto o tempo de trabalho quanto o tempo de não trabalho são permeados por restrições em diferentes graus, sendo que as atividades do grupo um são mais determinadas pelo meio social que as atividades do grupo três. Porém todas elas apresentam um grau, menor ou maior, de restrição e possibilidade de manifestação pessoal de emoções.

³ ELIAS & DUNNING, 1987, p. 146-149.

⁴ O termo procura acentuar o fato que ela é, direcionada e controlada por outros (“eles”) mais que por si mesma (“eu”) e que ela envolve não somente regularidade, como também uma pressão social para o controle emocional. Dunning define o termo rotina como “canais reincidentes de ação que têm interdependência com outros, e que impõe no indivíduo até mesmo um grau bastante elevado de regularidade, firmeza e controle emocional em sua conduta” (ELIAS & DUNNING, 1987).

Assim, parece-me coerente que passemos a investigar as atividades de lazer não só como algo antagônico ao trabalho ou entendido de forma negativa, sendo relacionado a algo não essencial e até mesmo não moral.

As atividades de lazer estão em interdependência com as demais atividades sociais, sem se subordinar a nenhuma. Nas sociedades avançadas, as atividades de lazer constituem um enclave para o avanço do processo civilizador, possibilitando um desenvolvimento social em equilíbrio. Ou seja, a manutenção da ordem social e da saúde mental e físico dos indivíduos requer um equilíbrio entre momentos de não-rotina, trabalho e momentos para manifestar emoções. O estudo do lazer não deve ficar simplesmente pautado nas exigências e demandas do trabalho, por que os motivos pelos quais as pessoas necessitam e procuram o lazer são muito mais complexos e variados.

3 – METODOLOGIA

Para a realização deste estudo utilizamos uma abordagem histórica com análise sociológica, fundamentada na teoria configuracional de Norbert Elias, usando a teoria do processo civilizador para compreender o fenômeno esportivo e sua interdependência com todo o contexto social, dentro de um processo de longa duração. Isso porque, partindo do princípio de que as atuais formas de vida social, as instituições e costumes têm origem no passado, é importante pesquisar suas raízes, para compreender sua natureza e função.

O método histórico compreende a passagem da descrição para a explicação de uma situação do passado, segundo paradigmas e categorias políticas, econômicas, culturais, psicológicas, sociais, entre outras.

Consiste em investigar fatos e acontecimentos ocorridos no passado para verificar possíveis projeções de sua influência na sociedade contemporânea. O método histórico oferece ainda a possibilidade de análise da organização das sociedades e das instituições, permitindo-nos apreender a dinâmica histórica de sua evolução, transformação e desaparecimento. constitui um encadeamento de processos sociais que permite investigações dos fenômenos (fatos ou eventos), dentro de uma perspectiva que possibilitará o conhecimento de suas causas e de seus efeitos.

As atuais formas de vida social, em todos os seus aspectos, sofreram influência de sociedades anteriores, e o método histórico pode pesquisar suas origens para melhor compreender sua natureza e função, suas alterações que, ao longo do tempo, foram influenciadas pelo contexto cultural de cada época histórica, influenciando na sociedade atual.

Assim, apoiado nos recursos do presente, o método histórico estuda o passado mais amplamente, examina os dados enquanto eles apresentam relações com o passado e permite hipóteses e, posteriormente, uma afirmação definitiva e a conclusão dos dados examinados.

4 – CONCLUSÕES

A partir do desenvolvimento do texto podemos levantar alguns pontos importantes sobre os estudos referentes aos jogos, esportes e lazer de Norbert Elias. Primeiramente no sentido de entender como Elias realiza seus estudos sociológicos, como vê a sociedade e quais os avanços que propõe a partir desses estudos.

Devemos ter a sensibilidade de perceber que os problemas e a sociedade são formados por nós e pelos outros, buscando superar a visão do objeto de estudo distanciado do pesquisador, ou seja, o que está sendo estudado não faz parte da realidade de quem o estuda.

Elias demonstra que para compreendermos a problemática sociológica é preciso um trabalho de reorientação da compreensão do termo sociedade. Temos que superar a idéia de que a sociedade é composta por estruturas que nos são exteriores, e avançar para o conceito de teias de interdependências ou configurações, que, no limite, nos encaminha para uma visão mais realista nas disposições das pessoas em suas variadas maneiras de relação.

Ainda segundo Elias, os jogos e esportes devem ser entendidos a luz do processo civilizador dos costumes. Ou seja, devem ser estudados como parte constituinte de um processo de civilização, onde estão em interdependência com as demais atividades e esferas, constituindo um espaço importantíssimo para o avanço no grau de civilidade hoje alcançado pelas sociedades.

No decurso do tempo, o termo esporte ou desporto passou a ser padronizado como um termo para formas específicas de recreação na qual o desempenho físico desempenhava fator principal, com a presença de regras para manter as disputas sob controle. Estas atividades se desenvolveram primeiramente na Inglaterra e a partir daí se espalharam por todo o mundo. A difusão a partir da Inglaterra de modelos de produção industrial, de organização, de trabalho e das formas de ocupação do tempo livre do tipo conhecido como desporto foi notável. Parece razoável imaginar que as formas segundo a qual as pessoas utilizavam seu tempo livre seguiu de mãos dadas com a transformação da maneira segundo a qual trabalhavam.

Tanto a industrialização como a desportivização, foram sintomáticas de uma transformação mais profunda das sociedades européias, que exigia de seus membros uma maior regularidade e diferenciação de comportamento. É neste sentido que Elias conduz seus estudos, considerando o esporte como consequência/produto do processo de civilização que a sociedade européia começou a sofrer a partir do século XV.

A sociedade européia sofreu, a partir do século XV, uma transformação que forçou os seus membros a uma lenta e crescente regularidade de conduta e de sensibilidade. Os modelos sociais de conduta e de sensibilidade, particularmente em alguns círculos das classes sociais altas, começam a transformar-se drasticamente a partir deste período.

Da mesma forma, as investigações sobre o desenvolvimento do desporto e especialmente do desporto enquanto forma de lazer, mostraram que existia uma transformação global do código de conduta e de sensibilidade na mesma direção.

Os estudos de Elias e Dunning, publicados nas décadas de 1960 e 1970, representaram um avanço sobre os demais trabalhos referentes ao tema, pois abandonaram as limitações impostas pela tradicional dicotomia entre trabalho e lazer, e propuseram-se a estudar as tensões como algo que não era unicamente mau.

O esporte, nas sociedades contemporâneas, caracteriza-se como uma configuração dinâmica entre seres humanos, através de um confronto simulado, onde é socialmente permitida a manifestação de sentimentos e emoções, estimulados pela dinâmica característica do jogo e pelo seu caráter mimético e catártico.

As atividades de lazer estão em interdependência com as demais atividades sociais, sem se subordinar a nenhuma. Nas sociedades avançadas, as atividades de lazer constituem um enclave para o avanço do processo civilizador, possibilitando um desenvolvimento social em equilíbrio. Ou seja, a manutenção da ordem social e da saúde mental e físico dos indivíduos requer um equilíbrio entre momentos de não-rotina, trabalho e momentos para manifestar emoções.

Em suma, Elias propõe entender os esportes como fruto/resultado do processo civilizador e, que, devemos avançar nos estudos sociológicos a partir de um referencial teórico e das ferramentas oferecidas pelo autor.

REFERENCIAS

- DUMAZEDIER, Jofre. Sociologia empírica do lazer. São Paulo: Perspectiva/Sesc, 1979.
- ELIAS, Norbert; e DUNNING, Eric. A busca da excitação. Lisboa: DIFEL, 1987.
- ELIAS, Norbert. Introdução à sociologia. São Paulo: Edições 70, 1980.
- ELIAS, Norbert. O processo civilizador: uma história dos costumes. V. 1 – 2. Ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1992.
- _____. O processo civilizador: formação do Estado e civilização. V. 2 - 2. Ed. - Rio de Janeiro: J. Zahar 1992.
- FACHIN, Odília. Fundamentos da Metodologia. São Paulo: Atlas, 1993.
- GARRIGOU, Alain e LACROIX, Bernard. Norbert Elias: A política e a história. São Paulo: Ed. Perspectiva S.A., 2001.
- LUCENA, Ricardo. O esporte na cidade. São Paulo: Autores Associados, 2001.
- _____. Elias – individualização e mimesis no esporte in Esporte, História e Sociedade. Campinas: Autores Associados, 2002.
- MARCHI JUNIOR, Wanderley. "Sacando" o voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970-2000). Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2001.
- MEZZADRI, Fernando Marinho. A estrutura esportiva no Estado do Paraná: da formação dos clubes as atuais políticas governamentais. Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2000.
- PARKER, S. R. A Sociologia do lazer. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- PRONI, Marcelo Weishaupt. Esporte-espetáculo futebol-empresa. Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 1998.
- _____. A teoria do Lazer de Elias e Dunning in Coletânea do VI Simpósio Internacional Processo Civilizador "História, Educação e Cultura". Unesp: Assis, 2001.